

ARTÍCULOS

NEGOCIAÇÕES DE IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE NA AMAZÔNIA OCIDENTAL BRASILEIRA.

Valéria de Oliveira
Fundação Universidade Federal de Rondônia
meinavaleria@hotmail.com

Resumo: A implantação de projetos governamentais de assentamento agrícola na década de 1970 desencadeou um intenso fluxo migratório em direção à Amazônia brasileira, mais especificamente em direção à Rondônia. Imigrar implica em ser e não ser completamente, desenraizar e buscar um novo enraizamento, construir uma nova territorialidade. Em Rondônia o vazio de referenciais gerado pelo processo migratório, levou a uma busca pela construção de uma nova territorialidade, tendo como base os referenciais dos lugares vividos e tentativa de transformação do espaço físico, em um lugar semelhante ao que havia deixado. Verificou-se também que durante o processo ocorreu uma negociação de identidade entre os nativos e aqueles que imigraram, através da construção de identificações coletivas que funcionou como amalgama dando o início à novas possibilidades entre a população que em 40 anos saltou de 111.000 habitantes para mais de 1.2000.000.

Palavras chave: Amazônia, Rondônia, processos migratórios, identidade, territorialidade.

Título: NEGOCIACIONES DE LA IDENTIDAD Y TERRITORIALIDAD EN LA AMAZONIA OCCIDENTAL BRASILEÑA.

Resumen: La ejecución de los proyectos gubernamentales de colonización agrícola en la década de 1970 provocó un intenso flujo migratorio hacia la Amazonia brasileña, más concretamente hacia Rondônia. Emigrar implica ser y no ser completamente, desarraigarse y buscar un nuevo enraizamiento, construir una nueva territorialidad. En Rondônia el vacío de referencias generadas por el proceso de migración, llevó a una búsqueda por la construcción de una nueva territorialidad, basado en las referencias de los lugares vividos y transformación del espacio físico en un lugar similar al que se había dejado. Se observa que durante el proceso hubo una negociación de la identidad entre los nativos y los que migraron a través de la construcción de identificaciones colectivas que funcionaban como amalgama dando el inicio de nuevas posibilidades entre población en 40 años saltó de 111.000 habitantes a más de 1.2000.000.

Palabras clave: Amazonia, Rondônia, proceso migratorio, identidad, territorialidad.

Recibido: 02-09-2014
Aceptado: 18-09-2014

Cómo citar este artículo: OLIVEIRA, Valéria de. Negociações de identidade e territorialidade na Amazônia ocidental brasileira. *Naveg@américa. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2014, n. 13. Disponible en: <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

Title: NEGOCIATIONS OF IDENTITY AND TERRITORIALITY IN WESTERN BRASILIAN AMAZON.

Abstract: The implementation of government projects of agricultural settlement in 1970 that triggered an intense migratory flow towards the Brazilian Amazon, more specifically towards Rondônia. Immigrating implies being and not being completely uproot and seek a new rooting, build a new territoriality. In Rondônia emptiness of references generated by the migratory process, led to a search for the construction of a new territoriality, based on the references of places lived and attempted transformation of physical space in a place similar to what was left. It was also found that occurred during a negotiation of identity between the native and those that migrated through the construction of collective identifications which acted as amalgam to start new possibilities among the population over 40 years jumped to over 111.000 inhabitants the 1.2000.000.

Keywords: Amazon, Rondônia, migration process, identity, territoriality.

1. Introdução

No Brasil, a área de floresta tropical da Amazônia Legal corresponde a 1/3 da área total deste tipo de floresta no planeta. Caracteriza-se por sua biodiversidade, e grande variedade de recursos florestais, hídricos e minerais. Seus rios representam a maior bacia hidrográfica do mundo e constituem a maior reserva de água potável do planeta. Possui recursos minerais de todo tipo como o ferro, estanho, ouro, nióbio, gás natural, calcário, magnésio, cobre, petróleo, níquel, potássio, urânio, diamante, entre outros. Razões que despertaram a cobiça humana em possuir e explorar a região ao longo dos séculos. O que também permite antever as razões e os interesses por detrás das estratégias governamentais de colonização, povoamento, integração e exploração dos recursos disponíveis nesta parte do território brasileiro ao longo dos anos.

Desde o início de sua colonização, a Amazônia vem sofrendo fluxos migratórios relacionados diretamente com os ciclos econômicos gerados pela exploração de suas riquezas que resultaram na fundação de povoados e cidades em pontos dispersos dos 5.000.000 de km.² de seu território. Dois destes ciclos tiveram o apoio direto do governo, um deles impulsionados pela necessidade de matéria prima da borracha no período da Segunda Guerra Mundial e, outro na década de 1970. O contexto que gerou este último fluxo migratório no século XX para a Amazônia está plasmado no texto de Reis, onde ressalta que:

“Amazônia está hoje na consciência nacional, governo e povo, como um problema que é necessário enfrentar e resolver com decisão nossa. Possuímo-la, fisicamente, politicamente. Faz-se preciso possuí-la mais densamente, para transformá-la de puro estado de natureza em espaço dominado pelo homem como fruto de sua capacidade”¹.

Revela-se aí o pensamento governamental e das elites econômicas por trás deste fluxo migratório. Apesar da presença de populações autóctones - indígenas, ribeirinhos, quilombolas- a região foi tratada como um vazio demográfico e, portanto

¹ REIS, Artur Cezar Ferreira. *O impacto amazônico na civilização brasileira: a transamazônica eo desafio dos trópicos*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1972, p. 11.

improdutivo. Um deserto verde, e era imperativo sua ocupação e exploração econômica.

A representação social do Brasil é de ser o país do futuro, onde as belezas e riquezas do ecossistema, a diversidade étnica e religiosa, a solidariedade e a tolerância se harmonizam para constituir a cultura que identifica e une seu povo enquanto Nação. Prevalece há mais de quinhentos anos o mito do país tropical, da terra em que se plantando tudo dá, lugar abençoado habitado por pessoas cordiais e generosas. No entanto, é um país com dimensões continentais e desigualdades sociais e econômicas gritantes entre a população que habita uma mesma região e diferenças significativas entre uma região e outra. Este fato provoca uma alta mobilidade da população pelo território brasileiro em busca de qualidade de vida, de oportunidades de ascensão social, de realização do sonho de ter um “pedaço de chão”, onde possa construir sua vida, sua casa, efetuar sua plantação, fincar suas raízes, produzir e ser prospero.

2. Os Tentáculos do capital estendem-se à Rondônia

Rondônia que está na Amazônia Ocidental brasileira, a principio era um Território Federal criado em 1943 a partir de terras desmembradas dos estados do Amazonas e Mato Grosso, passa a condição de estado da Federação em 1981. Os processos migratórios para ali dirigidos, assim como para a Amazônia, sempre estiveram relacionados aos interesses mercantis que geraram projetos de modernização da floresta. Galvão², assinala que a ocupação desta parte do território brasileiro, sempre esteve condicionada a fatores de ordem econômica que funcionaram como impulsores da mobilidade humana para a região.

Ao final do século XX, dentro de uma estratégia geopolítica do governo brasileiro foi efetuada a abertura da rodovia BR 364 e a implementação de projetos de assentamento agrícola em Rondônia. Fatos que deram origem na década de 1970 um grande movimento migratório de milhares de pequenos agricultores sem terra e operários pobres ou sem trabalho, oriundos das regiões sul e sudeste do Brasil atraídos para Rondônia, pelos programas de assentamento do governo brasileiro. Como resultado desta estratégia governamental, Rondônia possui hoje 68.977 propriedades rurais o que corresponde a 28,18% de sua superfície. Ocupando um total de 6.722.670,000 ha da área territorial de Rondônia. Destas 68.977 propriedades rurais 67.633 correspondem a micro, pequenas e medias propriedades. Com o processo de colonização agrícola é efetivada a incorporação de novas terras ao processo produtivo, e o capital estende seus tentáculos até Amazônia brasileira.

Além do fluxo migratório de camponeses atraídos pela distribuição de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), presencia-se na década seguinte uma intensa mobilidade humana em direção ao estado de

² GALVÃO, Eduardo. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

Rondônia, pela atividade mineradora tanto do ouro quanto da cassiterita, e também para a construção da Usina Hidroelétrica de Samuel, e a implantação da máquina estatal do recém criado estado de Rondônia. Acrescidos a este incremento populacional, somam-se neste início de século XXI os que imigraram em função da construção das duas usinas no Rio Madeira: a Usina de Santo Antonio e a Usina de Jirau. Ou seja, brasileiros de diferentes estados da Federação que foram induzidos a migrarem para Amazônia, dentro do contexto de uma estratégia geopolítica traçada pelo governo.

Para que se tenha uma ideia clara da intensidade dos fluxos migratórios recentes em direção à Rondônia é interessante observar que o período compreendido entre 1970 e 1991, a taxa média de crescimento populacional registrada foi de 11,69% enquanto o país registrava 2,30%. Sua população que no ano de 1960 era de setenta mil setecentos e oitenta e três habitantes em 40 anos salta para um milhão trezentos e setenta e nove mil setecentos e oitenta e sete habitantes, segundo o censo demográfico do ano 2.000.

Ora, um impacto antrópico tão intenso não ocorre sem gerar consequências em todos os níveis. Em Rondônia constata-se a transformação da paisagem, das relações sociais e culturais geradas pelo encontro de milhares de pessoas oriundas de diferentes contextos, e do confronto destes imigrante com aqueles que já habitavam esta parte do território brasileiro, com as populações autóctones - indígenas, ribeirinhos, seringueiros e quilombolas.

3. Migrar, ocupar um território, negociar...

Todo ser humano tem o direito de migrar em busca de condições melhores para si e sua família. Migrar tem origem no vocábulo latino *Migratum*, que significa mudar de residência, ir de um lugar para o outro. O movimento em busca de uma vida idealizada faz parte da conduta humana, um fenômeno que afeta e organiza os grupos sociais e reverbera em consequências sociais, econômicas e culturais.

A imigração como processo de mobilidade humana trás consigo sempre o ser e o não ser completamente, o estar e o não estar totalmente. Existe uma luta entre desenraizamento e um novo enraizamento a busca, por uma ressocialização e construção de uma nova territorialidade baseada nos referenciais que se tem dos locais deixados, ou seja, existe uma tendência a reprodução do vivido, um tendência de construir no novo território um lugar se não igual, ao menos parecido com o lugar que se deixou, não só em termos de paisagem, mas também das relações sociais. Oliveira³ assinala que:

“Quem migra, move-se de um território a outro, mas ainda que se mova não o faz somente com as malas e a bagagem, move-se com toda uma história de vida, com todo um passado, e o seu êxito migratório ocorrerá na medida em que consiga inserir-se no *Mundus Novus* por ele buscado, na medida em que consiga

³ OLIVEIRA, Valéria. Que vim eu fazer aqui? Fazendo do El dorado o meu lugar. In: OLIVEIRA, V. (org.). *Migração: múltiplos olhares*. São Carlos: Pedro & João Editores; Editora da UNIR-EDUFRO, 2011, p. 79.

impor-se ou negociar sua entrada no território que é de outro”.

No processo migratório duas facetas estão presentes, se por um lado está o emigrar, sair, romper laços, abandonar a zona de conforto tranquilizante dos lugares vividos e já conhecidos, por outro lado está o imigrar, que implica em alterações no universo simbólico onde valores, sabores, comportamentos e por vezes até o código linguístico é alterado. Imigrar é um processo de reaprendizagem, de abertura ao novo, de assimilação e capacidade de adaptação e recriação, que demanda um grande esforço interno.

Os casos de elevada imigração para uma determinada localidade trazem em seu bojo o confronto resultante do encontro de culturas, identidades, do encontro com o que é novo, com a alteridade. Este processo não ocorre sem confrontos e negociações com quem já estava neste território. Para Saquet⁴ os indivíduos se territorializam na interconexão, na relação, no movimento, na unidade e na diversidade. Em Rondônia estes processos se fizeram notar na relação do colono migrante com a terra. Inicialmente os lotes foram destinados a cultivos como café, cacau, feijão, arroz e milho. Para isto a floresta era derrubada. Depois de queimada, procedia-se o plantio de uma cultura de subsistência paralelo a uma cultura perene, como é o caso do café e do cacau.

O olhar do colono para a floresta era o olhar de quem tem como desafio um maciço gigante verde que precisa ser derrubado, tombado, amansado, domesticado. O olhar de quem já ocupava o território era o olhar de quem tem um aliado: a floresta. Esta mãe gentil que generosamente fornece seus frutos, suas folhas, para alimento e abrigo, sem que seja necessário derrubá-la. É como se a floresta tivesse uma linguagem própria, e para conquistá-la fosse necessário aprender sua língua. Este entendimento mútuo que garantiria a sobrevivência do homem e da natureza. No entanto, este que de longe veio não entendia a linguagem da floresta, exemplo disto é o olhar para a palmeira do açai, o colono a derrubava para retirar o palmito, e o nativo a deixava de pé para colher seus frutos e deles cotidianamente extrair sua rentável polpa.

Sem entender a linguagem da floresta, muitos assentados não obtiveram êxito. O solo era diferente daquele que estavam acostumados a manejar em seu estado de origem; as estações do ano também variavam assim como a frequência das chuvas. Portanto, os cultivos comuns às regiões sul e sudeste do Brasil não podiam ser adaptados sem que houvesse um processo custoso de pesquisa. Assim, o que impediu o sucesso de muitos destes agricultores, que terminaram descapitalizados, foi a herança cultural e a maneira ancestral de manejar determinados plantios que não se ajustavam às condições de uma região de floresta úmida. Diante do fracasso a grande maioria optou pelo investimento na pecuária. O solo que antes abrigava uma exuberante floresta, passa a acolher sementes de capim que verdejam em extensos pastos destinados às mais de doze milhões de cabeças de gado que

⁴ SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções sobre o território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

compõe o rebanho bovino de Rondônia.

A floresta tropical, densa e virgem deu lugar a inúmeras propriedades rurais com pastos verdejantes e desnudos, sem árvores, onde o que abunda é o gado. Amaral⁵, refere-se ao binômio mata virgem/terra prostituta, para caracterizar a relação perversa de apropriação da floresta pelo capital: a mata virgem representa aquela isenta de especulação imobiliária, que ainda não foi explorada, não foi cultivada e transformada em área de colonização, em contrapartida a terra prostituta é a situação inversa. Na terra prostituída de Rondônia, o capital vai estendendo seus tentáculos. O modo de lidar com a natureza que veio com o colono, vai se estabelecendo de forma avassaladora.

O vazio de referenciais gerado pelo processo migratório levou aos assentados a uma busca pela construção de uma nova territorialidade tendo como base os referenciais que tinham de seus lugares vividos, a partir da reprodução que estes atores sociais fazem do vivido e tentativa de transformação de um espaço físico em um lugar semelhante ao que havia deixado. Isto se vê refletido no campo e nas culturas. No caso de Rondônia, o encontro e o confronto com o outro e com o entorno refletiram-se na maneira de lidar e relacionar-se com a natureza, e o trato com um meio ambiente diferente dos referenciais familiares. O que constitui um marco de continuidade ou descontinuidade e ao mesmo tempo a construção de um ambiente percebido como familiar a através da transformação do novo entorno, em um lugar cada vez mais parecido com seu lugar de origem.

O processo de busca por um enraizamento fez com que em Rondônia o espaço físico fosse nomeado com nomes das cidades deixadas para trás: Ouro Preto, Santa Luzia, Primavera, Colorado...assim o *Mundus Novus* passa a ter algo de familiar, pois nomear é dar sentido ao novo. E este novo se faz presente com o acréscimo da palavra oeste. Então aquele pedaço de terra clavado no seio da Amazônia vira Ouro Preto D'Oeste, Santa Luzia D'Oeste...

A reprodução das festas de seus estados de origem, e de hábitos culturais também são estratégias utilizadas. É comum ao final da tarde, principalmente em Porto Velho e Guajará Mirim, encontrar pessoas sentadas nas esquinas tomando tacacá, um hábito típico do estado do Pará. Ou, presenciar o gaúcho com uma cuia tomando chimarrão quente, ainda que a temperatura esteja acima dos 30°. Amaral analisando o processo migratório gerado pela colonização agrícola em Rondônia afirma que:

A dimensão espacial envolve trajetórias sociais de regiões distintas, seja no sentido rural/urbano. Essas migrações estão recheadas de conteúdos particulares, porém existe uma reciprocidade nas relações. O colono passa simultaneamente por dois vieses: o da dessocialização em sua região de origem, e o da ressocialização nas novas terras⁶.

Distintas razões carregadas de matizes particulares e subjetivos levaram milhares de brasileiros a saírem de seus estados de origem, e partirem rumo à

⁵ AMARAL, Januário. *Mata virgem: terra prostituta*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

⁶ AMARAL, Januário. Op. cit., p. 72.

Rondônia. No entanto experimentaram como migrantes a dor interior e o ofuscar do *El Dorado*: o drama do sentir-se estrangeiros em uma terra desconhecida, impotentes diante de um meio ambiente físico e um entorno desconhecido, e ainda vivenciaram o romper de laços afetivos e o dilacerar de relações sociais em que estavam ancorados

4. O lugar do outro

Partindo do princípio que a ideia central do conceito de território é o funcionamento integrado de relações socioeconômicas, em um cenário geográfico delimitado que dá lugar a configuração de sociedades locais, compostas por atores cujos vínculos se articulam e são interdependentes e, portanto como palco para a vida humana, o território constitui um elemento importante na delimitação de identidades e alteridade, onde subjazem relações de poder. Território é o espaço que abriga populações e em cujo seio a vida social, a atividade econômica e a organização política desenvolvem-se, oferecendo possibilidades e propiciando condições de estabilidade socioeconômica para a comunidade nele estabelecida, e ao mesmo tempo, é onde relações sociais conflituosas desenvolvem-se.

É no território que ocorrem as relações sociais, culturais e de poder, o que lhe imprime um caráter subjetivo, simbólico, ideológico e de campo de forças. E neste âmbito, território se define como conjunto de relações e redes sociais, culturais, ambientais, econômicas, políticas e históricas, que convertem este espaço em uma unidade conectada com um todo maior. Saquet⁷ diz:

No meu entendimento, no próprio movimento de circulação e reprodução do capital, há territorialidades e territorialização. O território é resultado e determinante desta unidade, inscrevendo-se num *campo de forças*, de relações socioespaciais. O território é produto e condição da territorialização. Os territórios são produzidos espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social, ou seja, pelas territorialidades cotidianas. As territorialidades são, simultaneamente, resultado, condicionantes e caracterizadoras da territorialização e do território.

Territorialidade se associa com apropriação, e esta com identidade e afetividade espacial, que combinadas definem territórios que são próprios de fato, de direito e afetivamente. Assim posto, território e territorialidade não são conceitos neutros e nem tão pouco absolutos. Os processos derivados de suas dinâmicas refletem o cotidiano da vida social, assim como desvelam as relações de poder presentes no *contínua* jogo de apropriação, dominação, submissão, controle, e delimitação do que é nosso e do que é do outro, de quem pode ser considerado como sendo “nós” e de quem é o outro. No caso específico de Rondônia o outro, o estrangeiro, passa a ser considerado e reconhecido como destemido pioneiro, aquele que corajosamente veio ocupar o “vazio demográfico” e domesticar a indomável e virginal floresta tropical amazônica.

⁷ SAQUET, Marcos Aurélio. Op. cit., p. 127.

No conceito de território estão presente três dimensões: o espaço material ou espaço físico, o espaço social e o espaço vivido. O espaço material e físico é caracterizado pelo entorno material. O espaço social é o entramado resultante das relações sociais e espaciais. O espaço vivido reflete a subjetividade e a percepção que se tem do local. Tuan, assim define o espaço:

(...) forças de ambientes terrestres passíveis de serem transformados em lugar mediante o trabalho do homem de uso, ocupação e significação social, isto é, os espaços que vão sendo ocupados por um grupo social são decodificados e recebem qualificadores e significados advindos da cultura⁸.

Espaço que através da subjetivação se transforma em lugar. Território físico que de coordenadas geográficas passa a ter significado afetivo e emocional que confere singularidade própria pois o indivíduo constrói sua realidade articulando o estrutural, o funcional e o simbólico. Portanto, o espaço físico em si mesmo é nada, mas as pessoas o revestem de sentido e o convertem em um lugar existencial.

Subjetivar o espaço em lugar implica em negociações resultantes do encontro com o outro, com o entorno. No caso de Rondônia o encontro e o confronto entre pessoas com diferentes sotaques, costumes, e identidades foram transversalizados pelo cenário de uma natureza até então desconhecida.

Um fluxo migratório tão intenso gera caos, de toda ordem e conseqüentemente relações desiguais. Pois o nativo, o que ali residia há séculos, passa a ser minoria e por não estar dentro do modelo de produção capitalista passa a ser ignorado, desprezado e silenciado. Embora o estado de Rondônia possua uma das mais significativas populações indígenas do país - cerca de 11 mil pessoas, distribuídas em 23 Terras Indígenas que representam um total de 20,82% da área do estado⁹, e 5 comunidades quilombolas, não existe entre a população e no imaginário social uma identificação multicultural e plurilinguística que remeta ao reconhecimento destas populações, e tão pouco o reconhecimento e valorização do caboclo ribeirinho ou seringueiro, que constituíram os núcleos embrionários de povoamento da região.

Afirmar-se em território alheio não é algo que seja fácil, ou que não gera perdas e danos bilaterais. O confronto com a alteridade com o que não é espelho implica por vezes em enfrentamentos e desqualificações traduzidas em preconceitos e estereótipos.

A experiência com aquilo que é estranho pode provocar a desarticulação do sujeito, enquanto que a experiência com o que é familiar reforça os aspectos que referendam a própria identidade. Entendido assim, essa adequação do novo ambiente aos parâmetros daquele que imigra, a busca pela territorialidade é uma estratégia de preservação do eu, e da própria saúde psíquica. Como expressa

⁸ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1993, p. 142.

⁹ Brasil, Grupo de Trabalho da Amazônia. *O fim da floresta. A devastação das Unidades de Conservação e Terras*. 2008.

Saquet¹⁰, “A territorialidade significa as relações diárias, momentâneas, que os homens mantêm entre si, com sua natureza interior e com sua natureza inorgânica, para sobreviverem biológica e socialmente”. Daí a necessidade de quem migra de adaptação ou de reconstrução. Não somente do espaço físico, mas uma reorganização interna, um re-estruturar-se psiquicamente diante do novo, a busca de fazer do lugar do outro o seu próprio lugar, e apropriar-se deste lugar quer seja pela força, quer seja pela negociação. Assim, presenciemos conflitos pela posse de terra de toda natureza, que envolvem diferentes atores sociais: índios, madeireiros, posseiros, seringueiros, mineradores e etc.

5. Conclusão

Em Rondônia, como em grande parte da Amazônia brasileira, os sujeitos sociais migram temporariamente e permanentemente em busca de melhores condições de vida. Milhares de pessoas de distintos lugares do país que ousadamente abandonaram seu local de moradia, parentes, amigos, referenciais, enfim a zona de conforto e partiram para um local distante e desconhecido. Esse processo de mobilidade, significa mais do que ir e vir; significa viver em espaços geográficos diferentes, que forçosamente obriga à mudanças de comportamentos, outras práticas de convivência, e confronto com as contradições sociais. É como se estivesse em dois lugares ao mesmo tempo, e não ser de nenhum desses lugares, significa partir e efetivamente nunca chegar.

Nesse processo de chegada e partida se dá o encontro com os que aqui já habitam a floresta amazônica, e é necessário negociar o território, a terra prometida pelo governo Federal através do INCRA ao migrante que veio do sul do Brasil tentando se produzir enquanto unidade de produção camponesa. A negociação se faz com os índios, castanheiros, seringueiros, posseiros, pescadores, coletores de produtos das florestas, estes que ali se encontravam e que possuíam formas próprias de relações comunitárias, comerciais, e também relação com a natureza.

Nesta tessitura entre territorialidade e negociação de identificações coletivas que possam dar amalgama à população, criam-se vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos. Nesta perspectiva nota-se que em Rondônia a identificação com tudo aquilo que é amazônico, tudo o que lembra floresta é negado, e com isto silencia-se toda a história e o que antecedeu a chegada dos milhares de imigrantes a partir da década de 1970.

6. Referencias Bibliográficas

AMARAL, Januário. *Mata virgem: terra prostituta*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

GALVÃO, Eduardo. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

¹⁰ SAQUET, Marcos Aurélio. Op. cit., p. 129.

BRASIL, Grupo de Trabalho da Amazônia. *O fim da floresta. A devastação das Unidades de Conservação e Terras (Relatório)*. 2008.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Populacional Rondônia-
anos 1950,1960,1970,1980, 2000.

OLIVEIRA, Valéria. Que vim eu fazer aqui? Fazendo do El dorado o meu lugar. In:
OLIVEIRA, V. (org). *Migração: múltiplos olhares*. São Carlos: Pedro & João
Editores; Editora da UNIR-EDUFRO, 2011.

REIS, Artur Cezar Ferreira. *O impacto amazônico na civilização brasileira: a
transamazônica eo desafio dos trópicos*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1972.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções sobre o território*. São Paulo:
Expressão Popular, 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1993.